



A Santa Sé

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
DURANTE A CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
NA PARÓQUIA ROMANA DE SANTA MARIA CONSOLADORA**

Domingo, 18 de Dezembro de 2005

Queridos irmãos e irmãs

Para mim é realmente uma grande alegria estar aqui convosco na manhã de hoje e celebrar a Santa Missa convosco e para vós. Esta visita a Santa Maria Consoladora, primeira paróquia romana que visito depois do Senhor me ter chamado para ser Bispo de Roma, é de facto para mim, num sentido muito verdadeiro e concreto, um retorno a casa. Recordo-me muito bem daquele 15 de Outubro de 1977, quando tomei posse desta minha Igreja titular. O pároco era o Pe. Ennio Appignanesi, e os vice-párocos o Pe. Enrico Pomili e o Pe. Franco Camaldo. O mestre-de-cerimónias que me tinha sido designado era Mons. Piero Marini. Eis que nos encontramos de novo todos juntos aqui! Para mim, é realmente uma grande alegria.

A partir de então, o nosso vínculo recíproco tornou-se progressivamente mais forte, mais profundo. Um vínculo no Senhor Jesus Cristo, de Quem nesta igreja celebrei muitas vezes o Sacrifício eucarístico e administrei os Sacramentos. Um laço de afecto e de amizade, que realmente aqueceu o meu coração e que o aquece também hoje. Um laço que me uniu a todos vós, em particular ao vosso pároco e aos outros sacerdotes da paróquia. Trata-se de um vínculo que não diminuiu, quando me tornei Cardeal titular da Diocese suburbicária de Velletri e Segni. Um laço que adquiriu uma dimensão nova e mais profunda, pelo facto de ser já Bispo de Roma e vosso Bispo.

Além disso, estou particularmente feliz porque a minha visita hodierna como o Pe. Enrico já disse se realiza neste ano, em que celebrais o 60º aniversário da erecção da vossa paróquia, o 50º aniversário da ordenação sacerdotal do nosso caríssimo pároco Mons. Enrico Pomili, e finalmente o 25º aniversário de episcopado de D. Ennio Appignanesi. Portanto, um ano em que temos

motivos especiais para dar graças ao Senhor.

Agora, saúdo com carinho precisamente Mons. Enrico, e agradeço-lhe as palavras tão amáveis que me dirigiu. Saúdo o Cardeal Vigário, Camillo Ruini, o Cardeal Ricardo Maria Carles Gordó, Titular desta igreja e portanto meu sucessor neste Título, o Cardeal Giovanni Canestri, outrora vosso amadíssimo pároco, e o Vice-Gerente, Bispo do Sector Leste de Roma, D. Luigi Moretti; já saudámos D. Ennio Appignanesi, que foi vosso pároco, e Mons. Massimo Giustetti, que foi vosso vigário paroquial. Dirijo uma saudação afectuosa aos vossos actuais vigários paroquiais e às religiosas de Santa Maria Consoladora, presentes em Casal Bertone a partir de 1932, preciosas colaboradoras da paróquia e verdadeiras portadoras de misericórdia e de consolação neste bairro, especialmente para os pobres e para as crianças. Com os mesmos sentimentos saúdo cada um de vós, todas as famílias da paróquia e aqueles que, de vários modos, se prodigalizam nos serviços paroquiais.

Agora, desejamos meditar brevemente o belíssimo Evangelho deste quarto Domingo do Advento, que para mim é uma das páginas mais bonitas da Sagrada Escritura. E gostaria para não me prolongar demasiadamente de reflectir apenas sobre três palavras deste rico Evangelho.

A *primeira palavra* que gostaria de meditar convosco é a *saudação do Anjo a Maria*. Na tradução italiana, o Anjo diz: "*Saúdo-te, Maria*". Mas a palavra grega subjacente, "Kaire", significa por si só "rejubila", "alegra-te". E aqui está o primeiro elemento que surpreende: a saudação entre os judeus era "Shalom", "paz", enquanto a saudação no mundo grego era "Kaire", "alegra-te". É surpreendente que o Anjo, ao entrar na casa de Maria, cumprimente com a saudação dos gregos: "Kaire", "alegra-te, rejubila". E quando os gregos, quarenta anos mais tarde, leram este Evangelho, puderam ver nele uma mensagem importante: puderam compreender que com o início do Novo Testamento, a que se referia esta página de Lucas, teve lugar também a abertura ao mundo dos povos, à universalidade do Povo de Deus, que incluía não só o povo hebreu, mas também o mundo na sua totalidade, todos os povos. Nesta saudação grega do Anjo manifesta-se a nova universalidade do Reino do verdadeiro Filho de David.

Mas é oportuno relevar imediatamente que as palavras do Anjo são a retomada de uma promessa profética do Livro do profeta Sofonias. Aqui encontramos quase literalmente aquela saudação. O profeta Sofonias, inspirado por Deus, diz a Israel: "Alegra-te, filha de Sião; o Senhor está contigo e acolhe-te na sua morada". Sabemos que Maria conhecia bem as Sagradas Escrituras. O seu *Magnificat* é um tecido feito com os fios do Antigo Testamento. Por isso, podemos estar persuadidos de que a Santa Virgem compreendeu imediatamente que estas palavras eram do profeta Sofonias, dirigidas a Israel, à "filha de Sião", considerada como morada de Deus. E agora o que é surpreendente, e que faz Maria reflectir, é que tais palavras endereçadas a todo o Israel são dirigidas de modo especial a ela, Maria. E assim, manifesta-se-lhe com clareza que é precisamente ela a "filha de Sião", de que o profeta falou, e que portanto o Senhor tem uma intenção especial para ela, a qual está chamada a ser a verdadeira morada de

Deus, uma morada não feita de pedras, mas de carne viva, de um coração vivo, que na realidade Deus deseja tomar como seu verdadeiro templo precisamente ela, a Virgem. Que indicação! E assim podemos compreender que Maria começa a reflectir com particular intensidade sobre o que quer dizer esta saudação.

Mas detenhamo-nos agora sobretudo na primeira palavra: "rejubila, alegra-te!". Esta é a primeira palavra que ressoa no Novo Testamento como tal, porque o anúncio feito pelo Anjo a Zacarias, acerca do nascimento de João Baptista, é uma palavra que ainda ressoa no limiar entre os dois Testamentos. Somente com este diálogo, que o anjo Gabriel tem com Maria, começa realmente o Novo Testamento. Portanto, podemos dizer que a primeira palavra do Novo Testamento é um convite à alegria: "rejubila, alegra-te!". O Novo Testamento é verdadeiramente "Evangelho", a "Boa Nova" que nos traz alegria. Deus não está distante de nós, não é desconhecido, enigmático, talvez perigoso. Deus está próximo de nós, tão próximo que se faz criança, e nós podemos tratar este Deus por "tu".

Sobretudo o mundo grego sentiu esta novidade, sentiu profundamente esta alegria, porque para eles não era claro se existia um Deus bom ou um Deus mau, ou simplesmente nenhum Deus. A religião dessa época falava-lhes de muitas divindades: por isso, sentiam-se circundados por numerosas divindades, uma em contraste com a outra, a ponto de temerem que, se fizessem algo em favor de uma delas, a outra podia ofender-se e vingar-se. E assim, viviam num mundo de medo, circundados por demónios perigosos, sem jamais saber como se salvar de tais forças, opostas entre si. Era um mundo de medo, um mundo obscuro. E então ouviram dizer: "Rejubila, estes demónios nada são, existe o Deus verdadeiro e este Deus verdadeiro é bom, ama-nos, conhece-nos, está connosco, está connosco a ponto de se ter feito homem!". Esta é a grande alegria que o cristianismo anuncia. Conhecer este Deus é verdadeiramente a "boa nova", uma palavra de redenção.

Talvez nós, católicos, que o sabemos desde sempre, não nos surpreendamos, não sintamos com vivacidade esta alegria libertadora. Mas quando olhamos para o mundo de hoje, onde Deus está ausente, devemos constatar que também ele é dominado pelos temores, pelas incertezas: é um bem ser homem, ou não? É um bem viver, ou não? É realmente um bem existir? Ou porventura tudo é negativo? E na realidade vivem num mundo obscuro, têm necessidade de anestésias para poder viver. Assim, a palavra: "rejubila, porque Deus está contigo, está connosco", é uma palavra que inaugura realmente um tempo novo. Caríssimos, com um acto de fé devemos aceitar e compreender de novo, nas profundezas do coração, esta palavra libertadora: "rejubila!".

Esta alegria que o homem recebeu, não pode conservá-la somente para si mesmo; a alegria deve ser sempre compartilhada. Uma alegria deve ser comunicada. Maria foi imediatamente transmitir a sua alegria à prima Isabel. E desde que foi elevada ao Céu, distribui alegrias pelo mundo inteiro, tornando-se a grande Consoladora; a nossa Mãe, que transmite alegria, confiança e bondade, e que nos convida, também a nós, a anunciar a alegria. Este é o verdadeiro

compromisso do Advento: levar a alegria aos outros. O verdadeiro presente de Natal é a alegria, e não as prendas caras que exigem tempo e dinheiro. Nós podemos transmitir esta alegria de modo simples: com um sorriso, com um gesto bom, com uma pequena ajuda, com um perdão. Levemos esta alegria, e o júbilo distribuído voltará para nós. Em particular, procuremos transmitir a alegria mais profunda, a de ter conhecido Deus em Cristo. Oremos para que na nossa vida transpareça esta presença da alegria libertadora de Deus.

A *segunda palavra* que gostaria de meditar é também do Anjo: "*Não tenhas medo, Maria!*", diz ele. Na realidade, havia motivo para ter medo, pois como era grande o peso de carregar agora o fardo do mundo sobre si mesma, ser a mãe do Rei do Universo, ser a mãe do Filho de Deus! Um peso acima das forças de um ser humano! Mas o Anjo diz: "Não tenhas medo! Sim, tu carregas Deus, mas Deus carrega-te a ti. Não tenhas medo!". Esta palavra: "Não tenhas medo!" sem dúvida penetrou profundamente no coração de Maria. Nós podemos imaginar como, em várias situações, a Virgem voltou a reflectir esta palavra, ouvindo-a de novo. No momento em que Simeão lhe diz: "Este teu filho será um sinal de contradição, uma espada traspassará o teu coração", naquele momento em que ela podia ceder ao medo, Maria volta à palavra do Anjo e sente interiormente o eco da mesma: "Não tenhas medo, é Deus quem te carrega!". E quando, durante a vida pública, se desencadeiam as contradições ao redor de Jesus, e muitos dizem: "É louco", ela volta a pensar: "Não tenhas medo!" e prossegue em frente. Por fim, no encontro ao longo do caminho do Calvário e depois aos pés da Cruz, quando tudo parece terminado, ela volta a ouvir no coração a palavra do Anjo: "Não tenhas medo!". E assim, corajosamente, permanece ao lado do Filho moribundo e, sustentada pela fé, caminha rumo à Ressurreição, ao Pentecostes e à fundação da nova família da Igreja.

"Não tenhas medo!", Maria diz-nos, também a nós, esta palavra. Já recordei que este nosso mundo é um mundo de temores: medo da miséria e da pobreza, medo das enfermidades e dos sofrimentos, medo da solidão e medo da morte. Neste nosso mundo, temos um sistema de certezas muito desenvolvido: é bom que elas existam. Contudo, sabemos que no momento do sofrimento profundo, na hora da última solidão da morte, nenhuma certeza poderá proteger-nos. A única certeza válida em tais momentos é a aquela nos provém do Senhor, que nos diz também a nós: "Não tenhas medo, eu estou sempre contigo". Nós podemos vacilar, mas no final caímos nas mãos de Deus, e as mãos de Deus são benignas.

A *terceira palavra*: no fim do diálogo, Maria responde ao Anjo: "*Eu sou a Serva do Senhor. Faça-se em mim, segundo a tua vontade*". Assim, Maria antecipa a terceira invocação do Pai-Nosso: "Seja feita a vossa vontade". Ela diz "sim" à grande vontade de Deus, uma vontade aparentemente demasiado grande para um ser humano; Maria diz "sim" àquela vontade divina, coloca-se dentro desta vontade, insere toda a sua existência, com um grande "sim", na vontade de Deus e assim abre a porta do mundo a Deus. Adão e Eva, com o seu "não" à vontade de Deus, tinham fechado esta porta. "Seja feita a vontade de Deus": Maria convida-nos, também a nós, a pronunciar este "sim", que às vezes parece tão difícil. Somos tentados a preferir a nossa

vontade, mas Ela diz-nos: "Tem coragem, também tu diz: "Seja feita a tua vontade", porque esta vontade é boa". Inicialmente, pode parecer um peso insuportável, um jugo que não é possível carregar; mas na realidade, a vontade de Deus não é um peso; a vontade de Deus concede-nos asas para voar alto, e assim com Maria também nós podemos ousar abrir a Deus a porta da nossa vida, as portas deste mundo, dizendo "sim" à sua vontade, conscientes de que esta vontade é o verdadeiro bem e nos orienta para a felicidade autêntica. Oremos a Maria Consoladora, nossa Mãe, Mãe da Igreja, para que nos infunda a coragem de pronunciar este "sim", que nos conceda também esta alegria de estar com Deus e que nos oriente rumo ao seu Filho, à Vida verdadeira. Amém!

© Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana